

Salvador faz 442 anos de contradições

IZA CALBO

Editoria de Cultura

ONTEM



A cidade, coração do Brasil, completa hoje 442 anos com os mesmos "jeitos e defeitos" que Deus lhe deu. São 2,5 milhões de pessoas vivendo as diferenças sociais, raciais, culturais e de credos que caracterizam esta terrinha da felicidade, do desemprego, das invasões, do precário serviço de transportes, das igrejas em cada esquina e do axé. Em que dia foi instalada a Cidade do Salvador? Sempre houve dúvidas com relação a datas e entre as três prováveis, 29 de março, 1º de maio e 30 de maio, decidiu-se pela primeira.

Esclarece-se por que: é que neste dia a comitiva de Tomé de Souza desembarcou na enseada denominada Porto da Barra. Vale ressaltar, que Salvador foi a primeira cidade realmente fundada como cidade no Brasil. Antes de 1549, existiam somente vilas, a exemplo das que foram criadas pelos donatários das capitâneas ao longo da costa. Nenhuma destas, no entanto, alçou a categoria de cidade. De acordo com as cartas de doação e dos forais, os donatários fizeram a única coisa que podiam — criar vilas.

O aniversário desta cidade, que hoje convive com o antigo e o moderno, abrigando problemas de todas as espécies é na verdade, o marco do interesse português nos domínios territoriais do Brasil. Sua localização central na época, comportando uma considerável produção açucareira a levou a uma expansão rápida. Salvador saiu de sua fase conhecida como cidade—fortaleza para núcleo administrativo mais abrangente. Assim, sua direção se voltou para a economia, expansão populacional e ocupação das zonas interioranas.

DOIS ANDARES

Sabe-se que a fundação desta cidade seguiu duas premissas básicas. Primeiro, ela seria a fortaleza-base do patrulhamento das costas brasileiras, acossadas pelos contrabandistas do pau-brasil. Segundo, seria a sede de uma administração centralizada, de toda a região tida como de fácil colonização entre o Ceará

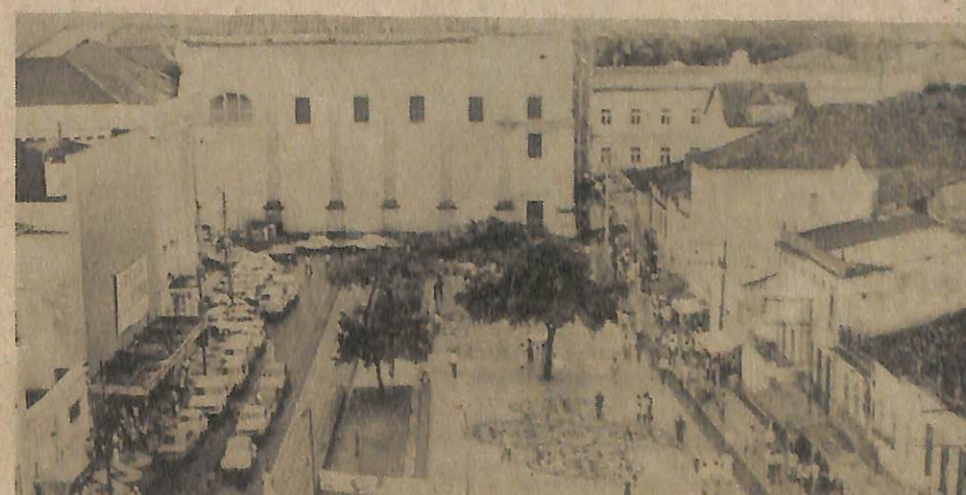
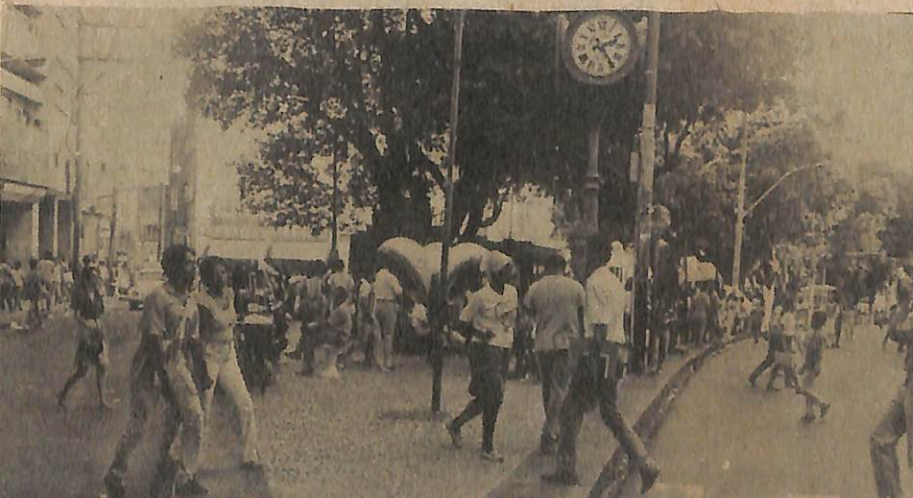


O Relógio de São Pedro na pacata Salvador da década de 20



A Praça da Sé nos anos 40 revelava o espaço...

HOJE



a região lida como de fácil colonização entre o Ceará e São Vicente. Neste ponto, reconhecia-se a ineficácia do regime de capitanias que tentava copiar uma estrutura feudal resultante da realidade econômica europeia que não correspondia à do Brasil.

Entre 1853 e 1854, Gabriel Soares de Souza ao elaborar o Roteiro Geral da Cidade, descreveu — a pobre e reduzida com duas praças (a do Terreiro e a do Governo), mais três ruas compridas (a que



O Relógio nos anos 90 revela que o caos urbano se apoderou da cidade



perdido para os automóveis e o crescimento demográfico.



Do alto, a cidade guarda forte apelo turístico



A velha Praça Castro Alves tendo ao fundo o teatro S. João (nos 1900) e atualmente

INFRA-ESTRUTURA

Cidade foi projetada para sociedade pré-tecnológica

No ano passado, exatamente nesta data, anunciava-se o começo da segunda etapa das obras do Transporte de Massa de Salvador (TMS). Para este ano, a prefeitura anuncia o início de 72 obras em 41 bairros. Presentes pequenos para uma cidade que após oito dias da greve dos trabalhadores da Limpurb, necessita de pelo menos 15 dias para recolher todo o lixo acumulado ao longo do impasse. Para melhor entender a trajetória desta cidade é preciso lembrar que a mesma foi fundada a partir de um modelo que atendeu perfeitamente às necessidades da sociedade colonial, mas que não atendeu, mais tarde às novas exigências de uma cidade portuária.

Daí, os inúmeros projetos de modernização. Não se passou nem uma década da abertura dos portos brasileiros, ato firmado por D. João VI quando da sua passagem em Salvador, para que viesse o primeiro projeto levado adiante por D. Marcos de Noronha e Brito, 8º Conde dos Arcos, em 1816. As obras foram paralisadas devido às lutas pela independência e retomadas em 1845, durante a administração do Gal. Francisco José de Souza Soares Andréa, sem sucesso.

Para se ter uma idéia, entre 1854 e 1891, 14 projetos de melhoramento do porto foram submetidos ao poder público, mas não saíram do papel. Em 1854, João Gonçalves Ferreira, próspero negociante local apresentou um outro, mas o projeto foi firmado pelo engenheiro André Przewodowski

foi considerado visionário. Outros se seguiram. Somente na primeira metade deste século é que se iniciaria mais precisamente em 1933, com a demolição da Igreja da Sé para a criação do Terminal de Bondes elétricos da Companhia Linha Circular, o ciclo de transformações urbanas por que passou Salvador.

Mais uma vez, e não por mera impressão a história se repete. Salvador vive hoje à espera dos bondes modernos, parte de um sistema que deverá funcionar satisfatoriamente, conforme estimativas iniciais até o ano de 2008, transportando uma média de 750 mil passageiros/dia, desafogando as ruas do centro. Enquanto o bonde não vem, Salvador avança na idade observando a paisagem sombria de viadutos que não ligam nada a coisa alguma, mas sempre mantendo a fé no cumprimento das promessas.



A moderna arquitetura ganha espaço nos novos bairros

ligava a praça à Igreja da Sé e daí continuava até o Terreiro a que ligava a praça à recente construção do futuro mosteiro de São Bento e a que levava à Igreja da Nossa Senhora da Ajuda). Neste Roteiro, destacava-se as construções dos prédios da Câmara, da Casa do Governo, da Alfândega, do Colégio dos Meninos de Jesus e das Igrejas da Ajuda e da Sé.

A partir daí, Salvador foi tomando consistência iniciando de maneira lenta mas progressiva a sua expansão em dois planos. Na parte baixa, o Bairro da Praia, com a Ribeira das Naus e as casas de Comércio. Na alta, os bairros de São Bento (incluindo a Sé), Palma, Desterro, Saúde e Santo Antônio Além do Carmo. Os primeiros dados de recenseamento da população nativa surgiram em 1757. A Sé, nesta época, já abrigava 8.442 habitantes (a Sé compreendia o trecho entre a porta de São Bento e a do Carmo), a Conceição da Praia tinha quatro mil moradores (ia do Cais do Sodré até a Ladeira de Santa Teresa), o Carmo 3.980 pessoas e o subúrbio (Passo, Santana e São Bento), 12 mil habitantes. Brotas e Vitória eram os bairros mais desertos.

A Igreja Católica teve participação decisiva na formação espiritual e moral do povo baiano. Neste ponto, destacam-se as figuras dos chamados padres seculares, a exemplo do padre Manoel da Nóbrega e de bispos e arcebispos como D. Marcos Teixeira, D. Pedro da Silva Sampaio, Frei José de Santa Escolástica e outros. As igrejas construídas em Salvador (muitas desaparecidas ou em ruínas ultimamente) testemunham o período rico e de prosperidade vivido pela cidade no final do século XVII e início do século XVIII.

O PRESENTE

Passados 442 anos, a cidade de dois andares vai levando remando, muitas vezes, contra a maré. O número de desabrigados é maior a cada chuva, pois a cidade não tem uma infra-estrutura adequada, o número de escolas fechadas é simplesmente alarmante fazendo com que a educação beire o caos e a falta de uma política de conscientização junto à população inviabiliza a realização de reformas nas praças e a existência de monumentos, invariavelmente desrespeitados. Salvo o exemplo da recente recuperação do Passeio Público, o aspecto geral da cidade chega a prejudicar uma das que deveriam ser a sua melhor fonte de renda. No caso, o turismo.

Contudo, segundo inúmeros depoimentos de estudiosos da arquitetura baiana já publicados nos jornais diários da cidade, a consciência de preservação do patrimônio tem aumentado gradativamente. Com exceção, é claro, no que diz respeito ao Centro Histórico onde, diga-se de passagem, tudo começou. Acredita-se que a sua decadência revele uma falta de interesse político real no sentido da sua restauração e preservação. Há quem aposte que todo este desinteresse esteja ligado ao interesse da especulação, que sempre falou mais alto e que resultaria numa descaracterização irreversível. Demarcada por tantos problemas, Salvador vive hoje a euforia do axé-music, uma espécie de descarrego emocional de uma população que vive cercada pelo mar, pelo lixo e infelizmente, pelo descaso não só das autoridades como também da própria gente que a habita, salvo as exceções.

Problemas estruturais tendem agravar-se

São 442 anos de fundação e problemas que a cada dia, parecem se agravar mais. Nem por isso, a Cidade de Salvador, escolhida por Tomé de Souza para sediar a colônia brasileira, abre mão do seu encanto reforçado, sobretudo, pelo contraste entre o passado e o presente dos estilos arquitetônicos. De um lado, a renovação do design visual dos edifícios com a adoção de cores fortes e contrastantes promovida pelo arquiteto Fernando Peixoto. De outro, o centro de Salvador e alguns dos seus bairros mais antigos com construções dos séculos XVI e XVII. Alinhavando o contraste, uma série inumerável de problemas que vai desde a coleta irregular do lixo até o péssimo serviço de transporte, intermediado pela falta de conforto das moradias.

Salvador, como já disse Gilberto Freyre, será sempre a capital da Bahia de Todos os Santos e de todos os pecados, a começar pela decadência dos prédios coloniais de Salvador iniciada nos fins do século passado, a partir das mudanças sócio-político e econômicas que se refletem no aspecto arquitetônico. Desde 1930, o poder público deixou de investir no Centro Histórico, quando Salvador tinha ainda 381 anos de fundação. Sem falar, no que a cidade perdeu em nome do progresso como a Igreja da Sé destruída na década de 30 para dar passagem ao bonde ou os casarões do Corredor da Vitória, praticamente todos do século XVII e no estilo inglês, desaparecidos do mapa para ceder espaço aos edifícios. Histórias de uma cidade superpovoada que já beira a casa dos 2,5 milhões de habitantes.

Numa breve viagem pelo tempo, proporcionada pela leitura de antigos jornais, pode-se afirmar que hoje não há muito o que se comemorar. Ainda assim, salva-se nesta cidade a iniciativa de alguns arquitetos que introduziram a partir da década de 70, a exemplo de Assis Reis, um estudo de cores muito interessantes fazendo com que as cores muito usadas na arquitetura do século 19, passassem